

## Metodistas e presbiterianos na região de Dourados e a educação indígena na missão evangélica Caiuá (1928 - 1948).

*Raquel Alves de Carvalho*  
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

O estudo da presença dos missionários metodistas e presbiterianos no Mato Grosso, no período de 1928 a 1948, está relacionado à tentativa de compreender o processo que culminou na vinda desses religiosos, sua instalação na região, as atividades que desenvolveram e, sobretudo, o envolvimento na educação dos índios Guarani. A compreensão do trabalho missionário implica a análise da forma como eles concebiam e representavam a si mesmos, as populações indígenas, a natureza, o homem mato-grossense e a sua missão, levando em conta os interesses das igrejas envolvidas em suas relações com a sociedade, o Estado e a elite oligarquica local.

O estudo das relações estabelecidas entre missionários e índios, na missão Caiuá, é importante para compreendermos as formas como se processaram os contatos interculturais, relações marcadas por tensões, conflitos, resistências, acomodações, negociações e trocas. Neste sentido, partimos do pressuposto de que as situações de contato não podem ser vistas como caminho para a destruição de modos tradicionais de vida, mas como um processo que leva à construção de um novo estilo de vida, com novas estratégias e alternativas, onde a cultura tem uma dimensão essencialmente dinâmica e adaptativa. *Norbert Elias trabalha com padrões de interdependências em processo de mudanças, rearticulando relações entre os indivíduos em sociedade. Assim faz se necessário observar a balança de poder (elemento fundamental de qualquer configuração), que muda constantemente e de forma assimétrica. As transformações / configurações sociais definem e redefinem a balança do poder entre pessoas e grupos.*

A cultura, enquanto *teias de significados* que o homem constrói e nas quais se entrelaça, é extremamente dinâmica e sujeita a transformações históricas. Se o evento histórico é interpretado e compreendido a partir da cultura, esta é transformada a partir da história.

*“A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos, ou seja, as pessoas envolvidas”.* (SAHLINS 1999)

Na análise da relação que se estabeleceu entre índios e missionários, não podemos desconsiderar as circunstâncias em que se dá o contato, no caso, aqui, a situação de tensões que caracteriza uma região fronteira, principalmente como fronteira interétnica e intercultural. Diversos atores sociais estavam envolvidos no processo de expansão da fronteira, tecendo um universo de relações extremamente complexo e dinâmico, que opunha e aproximava índios, religiosos, proprietários de terra, governo e negociantes.

Neste contexto faz-se necessário focalizarmos a ação e estratégias utilizadas pelos missionários e a forma como os Guarani se comportaram frente a eles. Ou seja, como foram as relações entre esses grupos, sobretudo as relações que se deram no orfanato e escola que os missionários implantaram na reserva, buscando "evangelizar e civilizar" os índios. Procuraremos, então observar as práticas pedagógicas adotadas

pelos missionários, rituais, devoções e símbolos utilizados por estes na catequese e educação indígena.

A partir da leitura dos relatos e discursos produzidos pelos missionários enfrentaremos o desafio de fazer emergir a presença dos indígenas como sujeitos históricos, e não como vítimas passivas do chamado *processo civilizador*. Nesta perspectiva, procuraremos filtrar, nas entrelinhas do discurso religioso, o testemunho dos indígenas enquanto atores sociais, permitindo uma compreensão de como se processaram as relações entre missionários e índios. Essa leitura possibilitará entender a forma como se manifesta a resistência cultural, como um processo ambíguo, amplo e diluído, que também implica aceitar e estabelecer normas de convivência mútuas, negociar e preservar espaços de autonomia. Neste sentido é importante a visão processual de longa duração, proposta por Norbert Elias, para sugerir novas possibilidades de abordagem para a história.

Faz-se necessário *compreender o conhecimento como algo historicamente em expansão e prestando a devida atenção ao contexto histórico onde foi produzido* (Chalmers, 1993). Assim, olhar não será de condenação/glorificação, vítimas e opressores, civilizados/aprendizes.

A delimitação do período de análise 1928 à 1948 se deu por optarmos em trabalhar o início da missão até o rompimento das igrejas, sendo que a partir de 1948 a missão evangélica Caiuás passa a ser de responsabilidade apenas da Igreja Presbiteriana do Brasil, as outras igrejas se retiram, a Igreja Metodista cria, nesta região, algum tempo depois, a Missão Tape Porã. Reconhecemos que todo recorte temporal é necessariamente arbitrário, mas ao estabelecer este período de abordagem, temos a intenção de direcionar nossos estudos para a compreensão das relações iniciais que os missionários estabeleceram com a sociedade, o Estado, a natureza e os índios mato-grossenses.

As fontes documentais, utilizadas no estudo da presença metodista e presbiteriana no Mato Grosso e na análise das relações estabelecidas com os Guarani na missão Caiuá estão sendo, as várias cartas, relatos, crônicas, panfletos, diários elaborados pelos missionários, as cartas e ofícios trocados entre membros da missão e as figuras políticas da época, Atas, artigos, fotografias e imagens produzidos pelos missionários, sobretudo aquelas que foram destinadas à publicação nos jornais oficiais das igrejas na época. A análise se concentrará nos documentos que permitam vislumbrar os discursos, estratégias e posturas dos Metodistas e Presbiterianos, em suas relações com as manifestações educacionais, culturais e religiosas dos douradenses, assim como nas relações estabelecidas com as elites políticas locais.

Um fator importante a considerar sobre essas fontes é que, pelo fato delas serem produzidas, em sua quase totalidade, por membros da hierarquia eclesial, elas precisam ser analisadas com muito cuidado para evitar uma história que legitime, justamente, os aspectos que os documentos querem perpetuar. É preciso partir de uma postura crítica em relação àquilo que a instituição procura consagrar e veicular como verdade oficial, buscando, nas entrelinhas, os verdadeiros interesses que estão por trás das estratégias que movem sua presença e expansão em determinado lugar e momento histórico.

A abordagem teórica e metodológica que orienta a leitura e interpretação das fontes está direcionada para a análise desses discursos e imagens que foram veiculados acerca do Mato Grosso e dos índios. Estes são concebidos como representações construídas culturalmente e carregam consigo os valores e interesses dos grupos que as produziram. Como representações do mundo não são neutras e isentas de interesse, mas são portadoras de estratégias e práticas sociais que tendem a impor uma autoridade à

custa dos outros, a legitimizar um projeto qualquer ou a justificar, para os próprios indivíduos, suas escolhas e condutas. (Chartier, 1990).

Como se sabe, a produção e veiculação de imagens não são gratuitas, estas tornam-se instrumentos de poder, na medida em que legitimam e justificam práticas sociais. No caso dos missionários, essas imagens e representações do outro foram mobilizadas, veiculadas para justificar os diversos projetos que buscavam sua incorporação ao universo da chamada sociedade civilizada. Neste sentido, a tarefa que se nos apresenta não é apenas descrever como se deu a construção de uma etnografia missionária, mas compreender qual o papel que ela desempenha no contexto das zonas de contato interculturais.

A presente pesquisa, dissertação de Mestrado em Educação, está em processo de elaboração, sendo a defesa prevista para março de 2004, na UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba). Será dividida em quatro capítulos. No primeiro Capítulo, pretendemos resgatar o processo histórico que culminou na vinda desses religiosos, sua instalação na região, estratégias utilizadas pelos missionários para se instalar e permanecer, Condições econômicas para a permanência, as relações com a sociedade, o Estado e a elite oligarquica local.

No segundo capítulo Buscaremos compreender os aspectos ideológicos que configuram a doutrina e os valores metodistas e presbiterianos. Contextualizar o momento histórico em que as igrejas estão passando, seus movimentos internos, e em especial o movimento de nacionalização ocorrido neste período. Concepção de índio, de si mesmo, da natureza, de missão e do homem matogrossense.

No terceiro capítulo, desvendar as relações entre missionários e Guarani, compreender as formas como se processam os contatos interculturais. Relações de trocas, tensões, conflitos, acomodações, negociações e resistência cultural.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Teologia Protestante*. In: História da Teologia na América Latina. Org. por Edições Paulinas. 2.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. P.127-138.
- BOISSET, Jean. *História do protestantismo*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Ed. Difusão Européia, 1971.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHALMERS, Alan F. *O que é Ciência Afinal?* S. Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.
- ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador*, Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ROCHA, Isnard. *Pioneiros e Bandeirantes do Metodismo*. Imprensa Metodista. São Bernardo do Campo-SP. 1967.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de Historia*. Rio de Janeiro? Jorge Zahar Editor, 1999.
- WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.
- WRIGTH, Robin M. (org.). *Transformando os deuses: Os Múltiplos Sentidos da Conversão entre os Povos Indígenas no Brasil*. Campinas, SP: Edit. da UNICAMP, 1999. (Coleção Antropologia dos Povos Indígenas).